



Zanzalá

Homepage da revista:

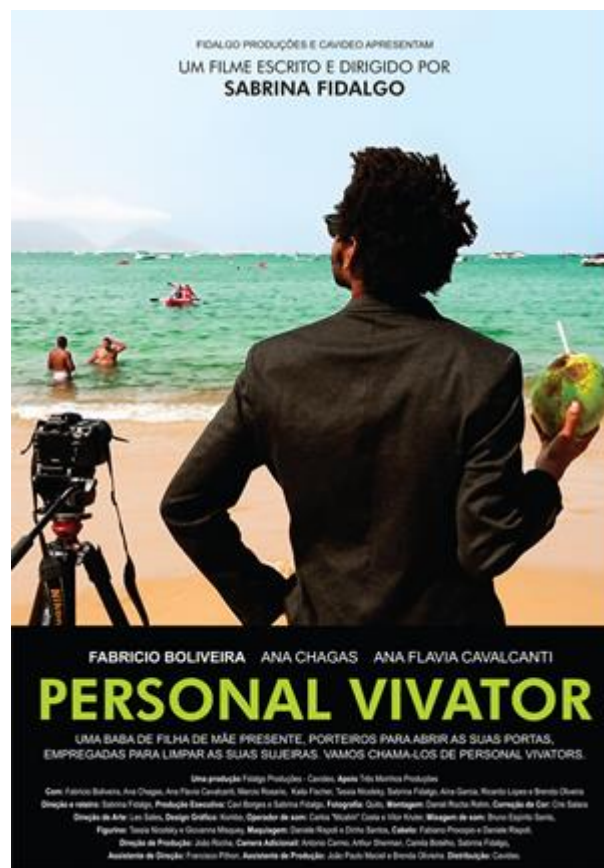
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/index>



Personal Vivator

de Sabrina Fidalgo (2014)

por Natasha Romanzoti



No curta-metragem *Personal Vivator* (Sabrina Fidalgo, 2014) acompanhamos a história de Rutger, um extraterrestre que tem a missão de passar 72 horas no planeta Terra para pesquisar o comportamento humano. O nome do filme se refere ao seu principal objeto de interesse: em sua estadia no Rio de Janeiro, Rutger demonstra especial curiosidade pelas pessoas que identifica como “Personal Vivators”.



Embora estejamos certamente no reino da ficção científica, *Personal Vivator*, mais do que um filme de FC brasileiro, é também um excelente representante nacional do afrofuturismo, um movimento estético, social e cultural que abrange narrativas diversas de ficção especulativa (seja uma especulação do passado ou do futuro) contadas de uma perspectiva negra, tanto africana quanto diaspórica. Essa característica acrescenta um tom crítico interessante ao curta-metragem, que utiliza temas e motivos da FC para especular sobre a vida negra no Brasil atual.

Desde o início do filme, percebemos que a roteirista e diretora Sabrina Fidalgo pretende tratar os assuntos abordados de maneira sarcástica. Na primeira cena, enquanto Rutger conversa com sua colega extraterrestre Prix por transmissão de pensamento, descobrimos que Rutger virá à Terra disfarçado de documentarista, uma vez que a câmera é uma boa forma de registrar o comportamento e a vida dos seres humanos. E por que os alienígenas escolheriam o Brasil, entre todos os cantos do mundo, para essa visita investigativa? A decisão está muito bem justificada no enredo: porque gravar os brasileiros é uma tarefa extremamente fácil, dada a “fascinação” desse povo em “aparecer em um suposto documentário do exterior”. Na continuação desse disfarce perfeito, quando chega ao Rio de Janeiro, o primeiro ato de Rutger é criar perfis falsos nas redes sociais, uma vez que a verdadeira existência humana não dependeria de um documento ou de um endereço, mas sim dessa presença virtual.

A ligação com o movimento afrofuturista fica evidente já na cena seguinte, quando conhecemos as primeiras entrevistadas do extraterrestre. Estas são também as duas outras personagens principais da história: Ana, uma estudante de doutorado branca e patroa de Marineuza, uma empregada doméstica negra que vive em uma comunidade dos morros cariocas. De sua apresentação em diante, essas duas figuras competirão pela atenção de Rutger, não só romântica, mas principalmente profissional, uma vez que ambas desejam ardentemente ser “protagonistas” do falso documentário.

A premissa do documentário, que à primeira vista parece até um pouco inocente, é tudo o que Sabrina Fidalgo precisa para trabalhar inúmeras questões relacionadas ao passado e, principalmente, ao presente dos negros brasileiros. “*Personal Vivator*” é como Rutger resolve chamar os cariocas que atuam em sua maioria como trabalhadores informais e empregados domésticos: “são sobreviventes, são os mais pobres, são os mais fortes”.

Em sua fala, em momento algum o extraterrestre faz qualquer menção à negritude ou mesmo à herança da escravidão. Rutger fala somente sobre babás de filhos de mães presentes, vendedores, “porteiros para abrir suas portas e empregadas para limpar suas sujeiras”. Na tela, no entanto, surgem fotografias antigas em preto e branco de jovens negros cuidando de crianças brancas nas mais variadas situações, inclusive em posições humilhantes – uma das imagens, por exemplo, mostra um negro de quatro, carregando uma garota branca como se ele fosse um cavalo. Sendo assim, não nos restam dúvidas

sobre quem seriam esses “Personal Vivators”: os afrodescendentes. Sabrina parece apontar que, se algo mudou dos tempos da escravidão até hoje, não foi o fato de eles estarem servindo brancos.

Vale observar que o ato de sobrepor imagens da escravidão para falar da condição atual do negro no Brasil não é exclusividade desse filme. A tendência aparece também, por exemplo, no curta-metragem afrofuturista brasileiro posterior *Negrum3* (Diego Paulino, 2018), que aborda jovens negros e sexualidade na cidade de São Paulo.

Em *Personal Vivator*, no entanto, a questão negra é focada principalmente na situação dos empregados informais e domésticos. Diversos momentos marcantes do filme deixam claro as tensões existentes entre patrões (geralmente brancos) e seus empregados (geralmente negros) no atual contexto cultural brasileiro. Mesmo que possamos acompanhar apenas Ana e Marineuza de perto, elas sintetizam uma gama de questões capazes de fazer o espectador refletir por muito tempo após os créditos finais.

A personagem de Ana, por exemplo, é múltipla. Por um lado, ela representa uma espécie de classe média “burguesa” inconformada com a ascensão social e econômica da classe “popular”. Por outro, representa também uma classe “intelectual” paternalizante, que se sente responsável por resgatar e/ou valorizar esse “popular”.

Sua tese de doutorado é, como Ana mesma informa, sobre a “comunidade”, o mais incrível “material humano, cultural e social” do Brasil. Embora se declare uma “defensora ferrenha deles”, “eles”, no curta, nunca são nomeados ou referidos de uma forma pessoal, como se mal fossem humanos. Além disso, o discurso da personagem soa bastante superficial. Ela informa a Rutger, por exemplo, que está “adorando subir o morro porque faz bem para as pernas”. O filme possui até uma cena estilizada em tons avermelhados na qual Ana anda de ônibus fingindo ser parte da “comunidade” e derivando nada menos do que prazer sexual disso. O fetiche pelo popular é mais um dos temperos dessa personagem heterogênea.

No final do enredo, ao se sentir preterida por Rutger em favor do seu próprio “objeto de estudo”, Ana abandona a máscara intelectual com a qual simulava admiração ou respeito por essas pessoas, atacando pessoalmente Marineuza: “Só porque agora você viaja para aquele fim de mundo para visitar a família nos mesmos aviões que eu coloco os meus pés, você está achando que é gente?”. Essa linha de diálogo é contundente para o contexto de 2014, ano de lançamento do filme, ao fazer alusão tanto a um indesejado poder econômico maior das classes mais baixas, situação que abalou privilégios antes restritos às classes média alta e alta, quanto a uma origem distante do Sudeste destes trabalhadores informais e domésticos. Um alvo comum de preconceito nessa região são justamente os imigrantes nordestinos e nortistas, frequentemente negros.

Em *Personal Vivator*, a estranha naturalização do comportamento abominável da classe média brasileira em relação à empregada doméstica é muito parecida com o tom utilizado em *Que Horas Ela*

Volta? (Anna Muylaert, 2015), filme lançado apenas um ano depois. A crítica é a mesma: Marineuza, que “está com Ana há anos”, é muito mais um objeto do que parte da família. Em determinado momento, a patroa sugere até “emprestá-la” a uma amiga, desde que a “trate bem”. Obviamente, a própria Ana, que afirma adorar Marineuza, a trata muito mal. A câmera de Sabrina Fidalgo focaliza mais de uma vez o rosto inexpressivo ou desconfortável da empregada enquanto ela trabalha na casa, sufocada por ruídos caseiros ensurdecedores como os gritos da patroa Ana, os berros de sua filha e a panela de pressão. É só para a câmera de Rutger que Marineuza tem voz: para o extraterrestre, ela confessa que o morro é muito melhor do que a cidade, mais vivo e alegre, e é para lá que ela voltaria todos os dias, se Ana deixasse. Mas quem faria a janta?

O uso da FC nessa narrativa é bastante oportuno. Em entrevista a Patrícia Gnipper, a professora e pesquisadora Kênia Freitas, especialista em afrofuturismo, explicou que a escravidão fez com que negros se sentissem "verdadeiros alienígenas" por serem incapazes de se comunicar em uma língua até então desconhecida, o que os tornou ainda mais vulneráveis. O tempo não melhorou essa situação: com o apagamento do passado dos povos escravizados e a sensação de “vir de fora”, de não pertencer, os negros de hoje seriam descendentes desse processo de alienação, de forma que se apropriar da escravidão para criar algo novo, como uma narrativa de ficção especulativa, é algo comum no afrofuturismo (CANAL TECH, 2019).

Rutger é interpretado por um personagem negro, o que é significativo – nem todos os aliens são negros, conforme evidenciado por Prix. Como visitante extraterrestre, seu objetivo (e desejo) é “conhecer as pessoas, onde vivem, o que pensam”. Mas não qualquer pessoa: ele chega à casa de Ana para entrevistá-la e logo volta sua atenção à Marineuza, pois ela sim é uma “grande mulher” – cuida da casa, da menina, da decoração. Conforme Rutger passeia pelo Rio, fica cada vez mais claro que apenas os “Personal Vivators” atraem seu interesse.

O final anedótico potencializa as ironias e críticas implícitas no enredo. Rutger finalmente sobe o morro para gravar Marineuza em seu ambiente de origem. Lá, conhece Jurema, babá dos netos de Marineuza. Apesar de sua pouca idade, a empregada já é avó e, mais do que isso, patroa também. Jurema pede para sair por alguns minutos para ir à farmácia buscar remédio para um parente doente, enquanto as crianças dormem. Marineuza repete com ela a conduta abjeta de Ana. Irritada, a empregada-patroa é dura com Jurema e exige que ela seja rápida, pois “suas saidinhas” lhe custam muito caro. Diante de uma personagem que antes tinha nossa simpatia, enxergamos agora somente um ciclo vicioso (e vergonhoso) e não sabemos bem a quem culpar – o curta nos mostra que, se há culpados, eles estão além dos indivíduos e penetram fortemente a cultura brasileira.

A última cena do filme é uma evidência de que, para fazer ficção científica, não é preciso ter um orçamento exorbitante. Ana surge no morro com duas armas para ameaçar Rutger. Seu ego está ferido por

não ser a protagonista do documentário gringo, o que lhe causou constrangimento na esfera mais poderosa de sua vida – a virtual. Sem material para alimentar suas redes sociais, ela se volta contra o extraterrestre. E não é a única – sua rival Marineuza se une a ela e alcança uma faca, ofendida pelo empenho súbito do extraterrestre em Jurema.

O tempo de Rutger na Terra está chegando ao fim – notamos que ele está retornando aos poucos a sua forma física original, representada apenas por tintas neon em seu corpo. Sabemos que ele não pode, a nenhum custo, revelar sua identidade e comprometer a missão.

De uma laje no alto de um morro, com uma vista linda do mar e do Rio de Janeiro ao fundo - bem diferente dos ambientes burgueses apagados e claustrofóbicos –, Rutger, com receio de ser descoberto, incentiva Ana a atirar. Ouvimos três disparos em off, intercalados por uma tela preta com créditos. Não precisamos ver o que aconteceu para saber como aconteceu.

A caracterização dos alienígenas no curta-metragem é simples e eficaz: eles conversam por transmissão de pensamento e possuem um corpo ornado com pinturas coloridas e brilhantes. Quando estão em um planeta diferente, são mostrados meramente em meio a copas de árvores e envoltos por uma forte iluminação branca. Essas simples diferenciações e os ângulos fechados escolhidos por Sabrina Fidalgo são suficientes para fazermos uma leitura adequada da narrativa. A lente da diretora se move muito, circunda os personagens, enfoca apenas pedaços de seus rostos, seus gestos. Isso serve tanto para adicionar uma camada de desconforto, instabilidade ou caos (dependendo da cena) quanto para desviar nossa atenção de detalhes que não interessam ao enredo e que talvez nos fizessem questionar os cenários ou a estória.

Vale mencionar aqui um aspecto relevante da estória que diz respeito às características dos personagens representados por afrodescendentes. Rutger é quem tem a pele mais retinta no filme, uma possível menção à ancestralidade negra “alienígena”. Marineuza, a babá de Ana, tem a pele mais clara. Já Jurema, a babá de Marineuza, possui um tom de pele intermediário, mais escuro que sua patroa e mais claro que Rutger.

É difícil dizer, a partir apenas dessa observação, se a intenção de Sabrina Fidalgo era adicionar à narrativa a camada complexa do colorismo, ou seja, um tipo de discriminação em que pessoas negras são tratadas de forma diferente com base em implicações sociais e significados culturais ligados à cor da sua pele. Mas isso não é improvável - em entrevista à Isis Vergílio para a Revista Marie Claire (2019), a cineasta, eleita pela publicação norte-americana Bustle em 2018 uma das “36 Female Filmmakers Across the Globe Who Are Breaking Ground In Their Own Country”, considerou muito importante pontuar que ocupa um “espaço privilegiado e historicamente branco, masculino, elitista e heteronormativo sendo uma mulher negra retinta”, sem possibilidade de usar a pele mais clara ou a mestiçagem para justificar a “diversidade” em espaços de poder.

No Brasil, o processo de miscigenação foi aceito em grande parte como tentativa de “branquear” a população, ao contrário do que ocorreu em outros países, por exemplo, cuja mistura foi vista justamente como um procedimento de “contaminação” do branco. Em *Personal Vivator*, Marineuza, cuja pele é mais clara, é aquela que frequenta a casa de Ana e que também possui uma empregada, representando quicá um tipo de negro mais facilmente aceito em uma sociedade preconceituosa, com mais acesso a determinados ambientes socioeconômicos e culturais. Curiosamente, no final do filme, Ana e Marineuza se voltam facilmente contra Rutger, o negro de pele mais escura, cuja morte parece ocorrer sem muitas ponderações, enquanto Jurema apenas quer ser esquecida, deixada em paz – sem chamar a atenção, corre por sua vida para fora de quadro.

Enquanto *Personal Vivator* é o único filme do gênero ficção científica na carreira dessa cineasta carioca, o tema do negro é uma constante. Por ser filha do dramaturgo Ubirajara Fidalgo e da atriz Alzira Fidalgo, fundadores do Teatro Profissional do Negro e militantes do movimento negro, Sabrina teve uma formação política e artística desde criança. Em entrevista à Isis Vergílio para a *Revista Marie Claire* (2019), afirmou que “as questões sociais e raciais sempre estiveram presentes” nos seus trabalhos, desde o curta-metragem universitário em alemão *Das Gesetzs des Staerkeren* (2007) sobre um jovem desempregado que aceita o desafio de ser escravo sexual de uma dominatrix por uma noite, passando por *Black Berlim* (2009), história de um estudante negro baiano em Berlim, *Cinema Mudo* (2012) sobre uma jovem presa na solidão do vício em internet, *Personal Vivator* e o documentário *Rio Encantado* (2014), sobre o risco de remoção da comunidade do Vale Encantado na Floresta da Tijuca.

Apesar de ter estudado e morado muito tempo na Europa, em especial na Alemanha, Sabrina Fidalgo se considera crítica de uma “ditadura do eurocentrismo como única visão de mundo possível, com seus planos longos, lentidão, sobriedade opaca e languidez asséptica”. Para ela, os brasileiros seriam filhos de uma “diáspora africana misturada com várias nações indígenas e países europeus”. Sendo assim, ao invés de um olhar “colonial” ou “colorizado”, a cineasta prefere buscar algo mais intenso e realista em seus filmes: mais brasileiro, barulhento, barroco, colorido, musical, alegre, vivaz e tropical.

Suas obras mais recentes, o média-metragem *Rainha* (2016) e o curta-metragem *Alfazema* (2019), fazem parte do que ela chama de “Trilogia do Carnaval” e já renderam a Sabrina dezenas de prêmios. Um dos mais significativos foi o Candango de Melhor Direção no 52º Festival de Cinema de Brasília do Cinema Brasileiro por *Alfazema*.

Para mim foi muito simbólico ganhar melhor direção no festival de cinema mais importante do nosso país, pois, foi como disse no momento em que subi ao palco do Cine Brasília para receber o prêmio: “Eu sempre sonhei em trabalhar com cinema e me tornar uma diretora, mas me faltaram espelhos de mulheres parecidas comigo nesse lugar”. E é maravilhoso que meninas negras de agora possam ver essa minha imagem sendo premiada como melhor diretora na categoria de curtas de um festival como esse (VERGÍLIO, 2019).

Com a marca pessoal de Sabrina, *Personal Vivator* é tanto uma obra distintiva de um estilo cinematográfico forte quanto parte de um movimento maior: colorido e caótico, intenso e social, negro e especulativo.

Ficha técnica

Título: Personal Vivator

Ano de produção: 2014

País: Brasil

Estado: Rio de Janeiro

Direção e Roteiro: Sabrina Fidalgo

Produção: Cavideo, Fidalgo Produções

Elenco: Fabrício Boliveira, Ana Flavia Cavalcanti, Ana Chagas, Marcio Rosário, Ainá Garcia

Referências

GNIPPER, P. *O que é o afrofuturismo, gênero artístico que mescla cultura africana com sci-fi*. Canal Tech, 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/conheca-o-afrofuturismo-genero-artistico-que-mescla-cultura-africana-com-sci-fi-111584/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

VERGÍLIO, I. *Sabrina Fidalgo: Um furacão no mercado cinematográfico*. Revista Marie Claire, 13 dez. 2019. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Isis-Vergilio/noticia/2019/12/sabrina-fidalgo-um-furacao-no-mercado-cinematografico.html>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

